

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA LÍDIA ALMEIDA ASSIS/BA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS SOBRE O ESTUDO DA REALIDADE LOCAL¹

Maria Fabiana Barreto Néri, Maria Lucezar Ferreira Santos e Nilvânia de Jesus Santos²
Cláudia de Sousa³

Resumo: *O presente artigo discute a relevância do trabalho com a E. A. associada a uma perspectiva local, para a construção da cidadania mais participativa. Para isso analisamos a escola Lídia Almeida Assis situada no Cruzeiro de Laje/BA, um dos povoados que sofreram transformações socioambientais decorrentes da construção da Barragem do Rio da Dona. Diante disso investigamos como esta instituição de ensino desenvolve a Educação Ambiental.*

Palavras-chave: Realidade local; Educação ambiental; Instituição de ensino

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa discutir os (des)encontros da E. A. no ensino fundamental na Escola Lídia Almeida Assis, circunvizinha à Barragem do Rio da Dona, a qual ocasionou transformações nos povoados do entorno. Neste contexto destaca-se Cruzeiro de Laje (Laje/BA), onde está a referida escola. Assim, esta pesquisa pretende analisar como é desenvolvida a E. A. naquela instituição de ensino e sobretudo se a mesma relaciona a E.A. ao contexto socioambiental vivenciado pelos (as) discentes, que residem próximo ao lago formado pela Barragem.

Esta pesquisa se justifica devido ao fato da escola ser uma das instituições responsáveis pelas discussões concernentes à E. A., a qual é imprescindível para a conservação dos recursos naturais da já supracitada área, pois como elucida Oliveira e Góis (2003 p.5),

A falta de planejamento, estudos e pesquisas na Bacia do Rio da Dona e em especial no reservatório que aí se encontra pode implicar em problemas futuros mais graves como processos erosivos desencadeados pelo uso inadequado do solo, resultando no assoreamento do reservatório [...]

Contudo não basta apenas estudar os problemas ambientais, mas realizar uma articulação entre a instituição de ensino e a sociedade de modo em geral, com propósito de uma melhor práxis visto que o lago da Barragem do Rio da Dona precisa de cuidados para continuar fornecendo água para a cidade de Santo Antonio de Jesus e para uma melhor qualidade de vida da população local.

Para investigar como é trabalhada a E. A. nessa escola, utilizamos como procedimentos metodológico: as entrevistas e os grupos focais, respectivamente para educadoras, direção e discentes. Além disso, no desenvolvimento deste trabalho tornou-se necessário problematizar

¹ - Trabalho oriundo de uma atividade de extensão universitária.

² Acadêmicas do Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V. E-mail: mariafboner@yahoo.com.br; lucezaf@hotmail.com; nilvaniajs@yahoo.com.br.

³ Orientadora – Mestre, Professora do Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V. E-mail: z_sousa@hotmail.com.

algumas questões tais como: Qual a relevância da E.A.? Por que surgiu? Como a E. A. pode contribuir para engendrar desenvolvimento sustentável? Qual o real papel da escola na conquista desse desafio?

É importante pontuar que a temática ambiental, apesar de estar em volga na contemporaneidade, já vem sendo discutida há muito tempo, evidenciando que o homem, a mulher, apesar de se preocuparem com o tema, pouco têm feito para mitigar os problemas socioambientais. Diante dessa situação, se faz necessário discutir as questões supracitadas.

Na estrutura deste artigo analisamos brevemente o contexto histórico da E.A., posteriormente partimos para discussão sobre o consumismo e suas implicações ao meio ambiente e, por último, porém ao nosso ver o mais importante, o papel da escola na construção de cidadãos(ãs) ativos(as) e críticos(as) que poderão contribuir para a mudança da realidade socioambiental local. Posteriormente a esse marco teórico, construímos a discussão referente a metodologia, seguindo do resultado da pesquisa, “em lócus” e, considerações finais.

2. MATERIAL E MÉTODO

2.1. Marco teórico

Apesar do termo E.A. ser relativamente recente, a preocupação com os problemas ambientais, segundo Dias (1998), já existe desde a Grécia Clássica e das culturas orientais mais antigas. Entretanto, segundo este autor foi nas décadas de 1950 e 60, devido aos grandes avanços tecnológicos, os quais transformaram intensamente o meio ambiente, que levou a exigências de maiores preocupações com o mesmo. Com isso foi realizada em 1972 pela ONU em Estocolmo (Suécia) uma conferência acerca das questões ambientais propondo possíveis soluções para essas questões, entre elas a E.A., sugerindo uma participação maior da escola nesse processo. (Dias, 1998).

Para o autor, houve uma evolução nesse conceito. Em 1972, época da Conferência citada acima, Mellowes, segundo Dias(1998), afirmou que a E. A. é um processo de desenvolvimento de atitudes frente à preservação ambiental. Atualmente há uma definição mais completa na medida que considera diversos aspectos da realidade.

A educação ambiental se caracteriza por incorporar as dimensões socioeconômica, política, cultural e histórica, não podendo basear-se em pautas rígidas e de aplicação universal, considerar as condições e estágio de cada país, região e comunidade sob perspectiva histórica. Assim sendo, a educação ambiental deve permitir a compreensão da natureza complexa e do meio ambiente e interpretar a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente, com vistas a utilizar racionalmente os recursos do meio na satisfação material e espiritual da sociedade no presente e no futuro. (CONFERÊNCIA DA ONU SOBRE O MEIO AMBIENTE/1991 apud DIAS,1998, P27).

Apesar da Conferência de Estocolmo ter sugerido algumas medidas relevantes, não foram implantadas de maneira satisfatória, até mesmo porque na conferência já citada, não havia uma sistematização profunda referente aos princípios e conceitos da educação ambiental.

No intuito de aprofundar a discussão desse tema, foram realizadas a Conferência de Belgrado (Iugoslávia, 1975) e a Conferência de Tbilisi (Geórgia, 1977). Na primeira foi elaborada a Carta de Belgrado, evidenciando, segundo Dias (1998), a premência de debelar a

miséria e suas conseqüências, haja vista que se torna muito difícil preservar o meio ambiente se não houver qualidade de vida para os seres humanos.

Mas foi em Tbilisi, segundo Brasil (2001), que a E.A., adquiriu mais direcionamentos, visto que foram criados os objetivos, princípios e estratégias para a maior eficácia da E.A., evidenciando a necessidade de estudar o cotidiano dos(as) discentes. Contudo este(cotidiano) deve ser vinculado ao nível regional, nacional e internacional, para que com isso os (as) educandos (as) tenham uma visão ampla da interdependência dos impactos sobre o meio ambiente, portanto este deve ser analisado em sua totalidade, pois o meio ambiente não pode ser investigado apenas pelo aspecto físico, mas também econômico, social, político e cultural. (BRASIL, 2001, p. 231).

Embora o Brasil tenha sediado em 1992 a conferência realizada pela ONU (Rio/92), não houve um grande avanço na implantação das medidas sugeridas nessa conferência, apesar da legislação ambiental ser considerada uma das mais avançadas segundo organismo como a ONU, embora se critique muito o fato das leis não serem cumpridas em sua totalidade.

Na verdade não adianta apenas leis, discursos..., são necessárias atitudes mais efetivas, práticas mais condizentes com a legislação, além de transformar hábitos, diminuir o consumismo exacerbado que caracteriza a sociedade contemporânea no contexto mundial. É óbvio que isso é complicado em meio a tanta mídia e à própria sociedade que a todo momento estimula e valoriza muito mais o ter em detrimento do ser. E como afirma Damiani(1996, p.71):

A sociedade como um todo é alvo desse processo de criação artificial de necessidades que visam impor novos produtos de consumo.[...].Compra-se o que os produtos representam: felicidade, prestígio, poder, identificação com os ídolos, etc.

Contudo, se há realmente uma intenção no que tange à construção de um desenvolvimento sustentável (o que muitas vezes não parece), é preciso rever justamente atitudes como estas, costumes, valores, idéias presentes sobretudo na cultura ocidental, como por exemplo a concepção de superioridade do ser humano em relação a natureza. Essa concepção é oriunda, sobretudo, da modernidade, na qual a ciência, a razão, o futuro, o novo são tidos como superiores em detrimento à natureza das tradições do passado.

Entretanto, atualmente essa percepção presente, por exemplo, em Hegel, em Marx, começa a ser questionada, pois percebe-se que tudo isso trouxe avanços, mas também sérios problemas ambientais e sociais. E assim, recorrendo a Carvalho (2004, p.115-116):

Um mundo – relógio – mundo dos universos das metanarrativas – que veio sendo gestado desde o renascimento, dá sinais de exaustão durante o século XXI, quando ambigualmente, o próprio poder absoluto dado ao homem pela modernidade, imbricado ao grande desenvolvimento técnico-científico, provoca um estropolar dos limites racionais impostos pela modernidade [...]. Se o século XVIII, é o século das luzes, e o século XIX da consolidação das principais ciências modernas, o século XX mostra que as luzes junto com as descobertas inegavelmente positivas, trouxeram também ou pelo menos não impediram por exemplo, a disponibilidade da guerra[...]

É claro que a sociedade transforma espaço, tecnologia... Porém foi a partir de uma primeira natureza que a mesma iniciou há muito tempo a produzir o seu espaço, a sua morada; também esta pode se tornar a sua prisão (SANTOS, 1986), dependendo de como é construída.

Nesse sentido, surgem alguns questionamentos. Então como podem a mulher, o homem se enxergar como tão soberano(a) a natureza se precisa dela? Como modificar essa visão?

A partir disso, constatamos que a escola deve contribuir para o desenvolvimento da cidadania, da consciência em relação à necessidade de preservar o meio ambiente desenvolvendo assim a E. A., a qual é de fato muito relevante, mas não vai resolver os problemas sozinha. Além disso é necessário frisar que essa responsabilidade não é somente da escola, até mesmo porque as estruturas educacionais são fortemente influenciadas pela sociedade. Por isso, como esclarece Freire (1992, p.46): “a educação não é por si só a alavanca da transformação revolucionária.”

Mas é claro que o (a) professor(a) pode e deve fomentar o debate de maneira crítica, desmistificadora, pois recorrendo novamente a Freire (1992, p.25): “[...] além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra.” Porém também é preciso a ação do Estado, pois as questões do meio ambiente estão vinculadas às questões econômicas, já que o desenvolvimento sustentável requer antes de tudo o desenvolvimento social, a distribuição de renda... e não apenas crescimento econômico. Além disso ações que visam o desenvolvimento sustentável devem partir não apenas do poder público, como também da sociedade enquanto coletividade, como de cada cidadão individualmente.

2.2. Metodologia

A metodologia utilizada de cunho qualitativo, como já foi mencionada, foram os grupos focais e as entrevistas. Os primeiros foram destinados aos discentes, sendo que cada grupo foi formado por três discentes de uma série, sexo e com idades próximas, com o propósito de deixá-los mais a vontade, e assim pudemos observar a heterogeneidade das respostas, de como é trabalhado a E.A. em sua escola. CASTRO e SANTOS, (2006, p. 14), destacam:

O trabalho com grupo focal não procurava consenso, mas principalmente, a emergência das opiniões[...]tal como eles as exprimem, sem censura, nem discriminação. Os indivíduos que participam de um grupo focal devem ser representativos da população interessada. Ao invés de tratar como autores atomizados, mecanismo típico dos questionários e inclusive, de modalidades de entrevistas mais abertas, as técnicas grupais possibilitam a estruturação de aspectos dialógicos entre os autores.

A escola em questão trabalha da Educação Infantil ao Ensino Fundamental (1ª à 4ª série), contudo nossa análise ateu-se à segunda e terceira séries, na qual a faixa etária dos(as) entrevistados(as) é de sete a oito anos. Buscamos assim comparar as respostas oriundas dos grupos focais com os(as) discentes e entrevistas com as educadoras para tentarmos ter uma visão mais próxima da realidade e, portanto, concretizar o objetivo. Trabalhamos assim em momentos diferentes com docentes e educandos(as) para que os últimos se sentissem mais dispostos em expor suas opiniões, anseios...

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Após realizar os grupos focais e as entrevistas, constatou-se que a escola analisada apresenta uma preocupação com a temática ambiental, visto que os (as) discentes, tanto da 2ª e 3ª, séries, afirmaram que as professoras discutem questões ambientais. Também percebemos essa preocupação nas respostas das educadoras, que argumentaram que a escola trabalha com

projetos, que têm como viés comuns as temáticas do lixo, água... Porém, as mesmas afirmam que as discussões perpassam os períodos de projetos, buscando assim alcançar a conscientização dos(as) discentes, pois elas acreditam que a escola apresenta um papel significativo nessa conscientização, nas mudanças de valores em relação ao meio ambiente, contudo isso é muito difícil frente a um sistema econômico em que enfatiza o consumismo, o ter...Essa dificuldade é perceptível, pois quando realizamos os grupos focais, os discentes mostraram conhecer algumas implicações dos impactos negativos ocasionados pela sociedade no meio ambiente, contudo aparentemente não estavam conscientizados, pois quando questionamos sobre que atitudes realizam para cuidar do meio ambiente, respondiam no infinitivo, enfim não se incorporavam nessas ações.

É quando perguntados sobre onde ouviram falar da necessidade da preservação ambiental, a maioria das(os) discentes da segunda série lembraram primeiramente da família, posteriormente a escola e a mídia. Portanto, a escola ficou em segundo lugar, revelando que a instituição de ensino já supracitada deva trabalhar profundamente nessa questão.

É mister enfatizar que, embora os docentes afirmassem que utilizavam os conhecimentos prévios dos(as) educandos(as), não foi bem enfatizado de que maneira os utilizavam; isso pode ser confirmado a partir do discurso das próprias educadoras, que afirmaram não possuir materiais sobre a Barragem do Rio da Dona e só recebem materiais de prefeitura da uma realidade mais distante. Além disso, os próprios discentes em sua maioria argumentaram que não há discussão sobre essa barragem. Diante disso surgem alguns questionamentos.

Como podem os educadores(as), que afirmam utilizar os conhecimentos prévios dos educandos, não discutir aprofundadamente sobre a problemática ambiental local? Se a construção da Barragem do Rio da Dona implicou em mudanças sócio-ambientais também no Cruzeiro de Laje, tais como inundações de diversas áreas ocasionando a retirada da população residente nesse lugar... Como não levar em consideração tudo isso?

À luz das idéias de Freire (1996, p.123), “[...] respeitar a leitura do mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento[...]”.

Diante disso, é importante a escola trabalhar com o local, pois assim o/a discente poderá dar significado aos conhecimentos teóricos discutidos, transformando, como diz Freire (1996), a curiosidade ingênua em curiosidade epistemológica. Além disso, as intervenções locais interferem (com diferentes intensidades) no global. Todavia é fundamental ressaltar que essas docentes, além de não receberem por parte da Secretaria de Educação do Município de Laje, materiais concernentes à Barragem do Rio da Dona, também não é concedida uma preparação específica para que possam discutir com maior segurança a E.A.

Outra análise constatada, diante das entrevistas com os grupos focais, é que as educadoras trabalham a temática já citada de forma interdisciplinar, idéia essa confirmada, pois os discentes citaram que essa discussão é feita nos diversos componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História. Esse trabalho interdisciplinar é muito relevante, pois assim os(as) educandos(as) poderão construir aos poucos uma visão mais holística, percebendo a questão ambiental através dos seus vários aspectos.

A importância da interdisciplinaridade é enfocada também nas conferências sobre o meio ambiente discutida por Dias(1998). Além dessa questão interdisciplinar, a escola em análise traz alguns avanços no tocante a E.A., na medida que caminha em busca da conscientização, assim como esse ambiente escolar apresenta cartazes, frases sobre a perspectiva ambiental, além de haver uma limpeza e organização da escola, a qual tenta sensibilizar os alunos nesse sentido, e esse cuidado com a escola pode ser transplantado para a comunidade. Verifica-se desta forma,

como enfatizou uma educadora, que a escola deveria realizar palestra, eventos sobre a questão supracitada (ambiental), o que nos leva a crer que essa escola apresenta avanços, mas também desafios na perspectiva da E. A. a serem superados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se neste artigo discutir os avanços e desafios no que tange à E.A. sobretudo em uma perspectiva local; assim sendo, busca-se problematizar como a Escola Lídia Almeida, que se localiza próxima a Barragem do Rio da Dona, vem desenvolvendo em trabalho de E.A.

Constatou-se que, embora haja uma preocupação com a temática, essa instituição de ensino valoriza de forma superficial os conhecimentos prévios dos(as) discentes, sobretudo os impactos ambientais decorrentes da construção da Barragem do Rio da Dona, que ao nosso ver apresenta uma gama de aspectos geográficos que podem ser úteis e necessários para a conexão, por parte dos educandos, do conhecimento científico e cotidiano. É como salienta Cavalcante (1998, p.124): “[...]a escola tem a possibilidade de contribuir para emancipar o homem, torná-lo cidadão autônomo, consciente, participativo, capaz de conduzir sua própria vida no cotidiano”.

Emerge-se desta forma a necessidade de uma maior integração entre a comunidade e escola, com intuito da socialização de vivências, percepções entre os mesmos. Para essa interligação a instituição de ensino pode fomentar debates, palestras, com a contribuição da comunidade, como frisou uma das educadoras entrevistadas. Bem como haja conferências estudantis, trabalhos de campo com os estudantes e seus pais em lugares com maiores problemas ambientais

Outra medida é a inserção dos pais, moradores, na construção do Projeto Político Pedagógico, no qual todos tenham vozes ativas, sugerindo, indicando possíveis soluções às questões sociambientais vivenciadas na sua localidade. Enfim, que a construção do conhecimento seja um movimento espiralado de construção coletiva para uma melhor atuação na sociedade.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais/Brasília : MEC /SEF , 2001.

CARVALHO, Maria Inez. O contrário também pode acontecer: ponderações curriculares sobre a geografia escolar. In: SANTOS, Jémison Mattos; FARIA, Marcelo (orgs). **Reflexões e construções geográficas contemporâneas**. Salvador, 2004, p. 109-123.

CASTRO, Rocío; SANTOS , Ademir Sousa .Participação Cidadã em torno ao Duque de Campinas .In: **Revista Metrópole de São Paulo**. n-15, 2006, p 1-18 .

DAMIANE , Amélia Luisa . **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 1996.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 5 ed São Paulo: Global;1998 .

FREIRE, Paulo; SCHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa . São Paulo: Paz e terra, 1996.

OLIVEIRA, Ademário Reis de; GÓIS, Djalma V. **Relatório técnico científico**. Projeto Rio da Dona. UNEB, Campus V., 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.